

# **Trabalho de Computação Gráfica**

**Nicolas Paiva Adriano**

## Atividade 1.

Em Dark Souls, apesar do jogo ser conhecido por suas mecânicas difíceis e bosses memoráveis, ele possui uma história que motiva o jogador a desbravar o mundo de Lordran.

Muito antes da humanidade, a primeira chama foi materializada, sendo o marco da criação da vida sendo eles dragões e lordes. Eventualmente, um desses lordes, o pigmeu esquecido, descobriu algo chamado de manifestação do desespero, onde achou a alma negra, uma alma que consegue extrair energia de uma fonte desconhecida e criar vida com ela. Com o poder da alma negra, humanos foram criados.

Em certo momento, os lordes se rebelaram contra os dragões e formaram uma legião de humanos para derrotá-los. Mas ao fazerem isso, perceberam a força da humanidade, que renasce ao morrer pelo poder da alma negra. Gwyn, um desses lordes, decide amaldiçoar os humanos, fazendo com que renasçam como mortos-vivos, muito mais fracos do que quando humanos.

Mas assim como a chama surgiu, ela iria se apagar. Com o enfraquecimento da chama, todos os seres que nasceram dela, como os lordes, se enfraquecem com o tempo e morreriam. Para manter a chama acesa, era necessário sacrificar almas para ela como combustível, mas almas fracas não serviriam de nada além de segundos. Gwyn decide se sacrificar para comprar tempo para seu povo.

O jogador começa sua jornada como um morto vivo, preso num asilo para ser contido, pois, com o enfraquecimento da chama, a maldição de Gwyn enfraquece, e os mortos vivos se tornam cada vez mais capazes de se segurar na sua humanidade. Ele é libertado por Oscar de Astora, que lhe conta o motivo de estar ali, uma profecia. A profecia de que, um morto vivo preso em um dos asilos libertaria a humanidade dessa maldição, sendo necessário matar Gwyn, que a mantém acesa, e apagar a chama, entretanto, há a crença de que ao apagar a chama, todas as fontes de vida morrerão, inclusive os humanos, apesar de não serem afetados pelo seu enfraquecimento.

Cabe ao jogador, derrotar Gwyn e se tornar o morto-vivo lendário, e decidir o futuro de Lordran mantendo a chama acesa, ou a apagando.

## Atividade 2.

### A Sala de Descarte

**Começo:** Pedro era um garoto comum de 14 anos de idade, morador de uma cidade pequena no interior do Brasil. Vivia com sua mãe, Helena, uma enfermeira, e seu irmão mais novo, Lucas, de 7 anos. Apesar de suas notas baixas em português, Pedro era um garoto inteligente e criativo, muito medroso, mas além de tudo, o melhor e único amigo de Lucas, que tinha dificuldades para fazer amizades na escola.

A rotina da casa era simples: café da manhã apressado, escola, tarefas e brincadeiras à tarde, para Pedro pelo menos. A mãe, que trabalhava em dois empregos para sustentar os meninos, chegava todo dia em casa cansada, mas ainda encontrava tempo para sorrir e perguntar sobre o dia de cada um.

Mas tudo mudou numa manhã qualquer. Lucas saiu para estudar, na Escola Paraíso, e nunca mais voltou. Não apareceu em casa de tarde, e nem para o jantar, nem no dia seguinte... nem no outro.

Por semanas, grupos de busca procuraram qualquer sinal dele, mas nada foi encontrado. Helena entrou em um estado quase caquético pela primeira semana, mas depois se afundou no trabalho com tudo. Talvez um jeito de ignorar a dor.

Paralelamente, Pedro, chorava escondido de sua mãe, escondendo o rosto no travesseiro à noite. Mas conforme os dias passavam e os grupos de busca só tinham “sinto muitos” a oferecer, as lágrimas secaram, e só sobraram dois sentimentos: raiva e impotência.

Apesar do seu medo, em um dia que sua mãe dormiu de novo em seu trabalho (talvez de exaustão, ou apenas para não passar pela cama vazia de Lucas mais uma vez), Pedro pegou sua lanterna, mochila e invadiu a escola, atrás de alguma pista, atrás de seu irmão.

**Meio:** Pela história, Pedro enfrenta desafios reais e psicológicos, como pular muros, se esconder de guardas e câmeras, até ataques de pânico, decorridos de todo o estresse causado.

Mas o pior deles foi quando finalmente achou o que procurava, atrás do armário do faxineiro, uma escada para um porão secreto, onde um culto ocultista realizava rituais sombrios ligados a uma entidade do passado.

**Final:** Quando descobrira o porão, Pedro já não aguentava mais, já havia pulado o muro da escola, se escondido de câmeras, até se escondido de um guarda. “Porque teria um guarda noturno em uma escola infantil?” E com a passagem secreta em sua frente, ele descobriu a resposta para a pergunta. Ele pensava que talvez estivesse louco. Já não controlava sua respiração, e tudo que queria era ir para casa. Mas no fundo, Pedro sabia que não iria descansar sem nem uma pista do paradeiro do irmão. Ele desce pelas escadas, cautelosamente.

Ao mesmo tempo, a polícia local recebeu a denúncia de vizinhos da região, de um invasor na Escola Paraíso, alguém pulando o muro, pelo que contaram. A mesma escola do

menino desaparecido. Tinha que ter uma conexão. Já na madrugada, três viaturas policiais vão até a escola investigar o paradeiro do invasor.

A escada levava a um corredor longo, que tinham vários quartos, uns aparentavam ser banheiros, e até tinha uma cozinha, com ‘post-its’ na geladeira sobre um ladrão de sanduíche. No final do corredor, na porta a direita, descobriu a verdade, um grupo de 5 pessoas, sobre um pentagrama feito de sangue no chão, recitavam em uma língua antiga algo que ele não entendia. Mas as marcas de sangue eram tudo que ele precisava saber.

Olhando para trás, uma porta paralela à aquela (à esquerda do corredor) denominava-se “Descarte”. A curiosidade matou o gato. Fechou a porta atrás dele e se virou para frente. Dentro da sala, um cheiro forte de ferro e banheiro químico, com um incenso na porta tentando disfarçar, para nenhum efeito. E corpos, uma pilha de corpos. E ali, entre eles, estava Lucas, deitado no chão frio, com os olhos fechados como se ainda sonhasse.

Pedro não hesitou, ele o encontrou. Eles iriam para casa juntos. Sua mãe não iria mais chorar. Tudo voltaria ao normal.

Mas naquele momento, ele teve certeza, nada, nunca mais, seria normal.

Ao virar Lucas de decúbito (ao contrário de “de bruços”), viu a barriga de seu irmão aberta do umbigo ao peito. Todos os seus órgãos tinham sido retirados, e não havia mais sangue para jorrar. Apenas uma casca vazia.

Pedro não se moveu por um tempo, talvez minutos, ou horas, não sabia. Não queria acreditar. Não podia ser real. Lucas estava morto.

Quando Pedro finalmente se moveu, ele apenas abraçou o irmão. Nada mais importava. E Pedro chorou, abafando as lágrimas nos ombros do que um dia já foi Lucas.

E então ouviu, apenas ouviu. Tiros. Três ou quatro, seguido do som de alguém tomando um choque. A porta onde estavam os cultistas abriu, praticamente escancarada, homens e mulheres desesperados, correndo para diferentes direções. Então, passos descendo as escadas, e mais tiros.

Mas Pedro não se mexeu, não tinha o porquê soltar seu irmão. Se ele morresse, seria do seu lado.

Após minutos de trocas de tiro, o último foi disparado. Passos se aproximou da porta onde estavam os irmãos, e a porta rangeu ao ser aberta.

O noticiário matinal contou a história, “culto macabro residia debaixo da Escola Paraíso, em porão fora da planta oficial. Realizavam sacrifícios humanos em prol de uma religião ainda não identificada. A estimativa de mortos chega a dezenas. Membros foram apreendidos e policiais foram feridos, mas sem baixas. Garoto local desaparecido é encontrado morto, juntamente de seu irmão, vivo, porém visualmente abalado.

O policial Carlos afirma: “Fomos investigar uma invasão no local, o garoto encontrado estava procurando o irmão e nos levou direto ao grupo. Ele foi o verdadeiro herói.”.

Helena, havia se tornado um reflexo do que era. Nos primeiros dias, mal saía da cama. O luto virou rotina. Mas, pouco a pouco, se recuperou. Ela voltou a trabalhar, mas agora, fazia de tudo para participar da vida de Pedro. Ela não iria desperdiçar mais nem um segundo.

Já Pedro, não era mais o mesmo garoto que tirava notas ruins e brincava todas as tardes. Agora, era mais calado, mais corajoso e também mais atento. Começou a tirar boas notas em literatura, pois finalmente tinha encontrado algo a dizer.

Escrevia sobre medo, saudade. Contos, poemas e diários. Seu professor disse que ele tinha um “olhar maduro para a dor”. Mas Pedro não fazia de propósito. Só doía menos quando estava em uma folha de papel.

Pedro visitava o túmulo de seu irmão uma vez por semana, e lia seus textos para ele. Em certo momento, trouxe outros textos, e agora ria. Contava histórias dos irmãos se divertindo quando mais novos, brincando de “faz de conta”, de ajudar o irmão com a tarefa ou quando brigavam para ver quemalaria com a mãe primeiro quando ela chegava em casa.

**Epílogo:** Certo domingo, enquanto a mãe regava as plantas, Pedro chegou na cozinha com um caderno novo. Olhou para Helena, que lhe ofereceu um sorriso cansado, mas sincero. Ele retribuiu e disse: "Mãe... eu acho que quero escrever um livro. Sobre o Lucas. Sobre tudo."

Ela se aproximou, colocou a mão em seu ombro e disse: “Escreve, meu filho, e se precisar de ajuda, mamãe está aqui, tudo bem?”.

Ele assentiu, e pulou para dar um abraço na mãe, os dois segurando um lacrimejo fraco, enquanto sorriam.

Sua mãe se virou, e voltou a regar as plantas. Pedro se sentou na cozinha, e começou a escrever. E a cada palavra, o medo daquela noite que se transformara em culpa, levanta dos ombros, anistiado-se.

## Atividade 3.

Considerando apenas as frases deixadas, a jornada do herói procede como:

**História Pessoal:** Luna é legal, corajosa e uma boa amiga. Ela tem poderes e luta contra o mal, sem medo, para salvar o mundo, e sempre vence no final;

**Desejo:** Lutar contra o mal e salvar o mundo;

**Medo:** Ela não tem medos;

**Defeito:** Confiante demais (“nunca tem medo”);

**Motivação:** Defender o “bem” (Luta contra o “mal”).

Utilizando uma abordagem menos restrita às informações dadas:

## História Pessoal:

### O Coração de Elowen

Luna é uma aluna prodígio na escola mágica de Elowen, uma grande cidade escondida entre cadeias de montanhas que protegem sua localização do Rei Demônio, este que, já dominou o resto do mundo. Como a esperança da humanidade, Elowen concentrou seu desenvolvimento na magia, aproveitando-se de estar escondida entre montanhas, e utilizando magos para manter sua entrada oculta, e os portões se mantiveram fechados durante 130 anos.

Por todo esse período, Elowen manteve a magia como seu pilar, treinando gerações para descobrir e aprimorar magias, para um dia enfrentar o mundo exterior, e Luna, é a aluna mais promissora que a cidade já teve, desde a sua fundadora, Elowen, a maga azul.

Luna nasceu no ano 113 DRD (Depois do Rei Demônio), e desde cedo apresentou uma aptidão com a magia, tendo uma grande quantidade de mana em si. Seus pais, por suas profissões, um mago da elite e uma ferreira, puderam dar-lhe os melhores cajados e treinos desde criança, que a possibilitaram a demonstrar seu talento natural sem restrições a segurando, apesar da correlação de sua força e suas origens ser um tópico polêmico até os dias atuais.

Luna tem pele clara, 1.65 metros de altura, cabelos castanhos, olhos verdes e sardinhas no rosto, além de tatuagens reativas, que brilham em dourado quando usa mana, em diferentes regiões do corpo. Ela tem uma postura calma, mas gentil. Usa um capuz branco-titânio e um cajado de quartzo e cristal, com diamantes na ponta, feito por sua própria mãe.

A menina tinha poucos amigos, talvez por sua confiança em sua magia apresentar-se esnobe, apesar de não ser sua intenção, ou porque foi ensinada em casa os

princípios básicos de tudo, não formando relações de amizade e ingressando em uma escola apenas aos seus 15 anos.

Dentre eles, Ana se destacava. Sua melhor e mais velha amiga, Ana era loira, um ano mais nova, dos olhos cinzas, a única do vilarejo, além de sua falecida avó, e oposto de Luna, popular e barulhenta. Elas se conheceram ainda quando crianças, quando Ana decidiu que queria brincar com a “menina de ouro” que ouvira seus pais falarem sobre. Bateu na porta da casa de Luna por 2 semanas seguidas, e não desistiu até que Magnus, pai de Luna, permitiu uma “pausa recreativa” para Luna interagir com a menina, apesar da discordância de Lyra, mãe de Luna.

“Uma futilidade que resultará em menos tempo de estudo, inaceitável.” dizia, mas que toda vez, ao ver os olhos da coitada da sua filha, cedia a pausa. Brincavam de tiro ao alvo com flechas de luz, esconde-esconde-mana, duelos, que Luna sempre ganhava (Dizia Ana que seu cajado estava com defeito, mesmo após ter trocado ele por outro) e outras brincadeiras clássicas. Desde então, a dupla era inseparável, compartilhando segredos, sonhos e apoio mútuo.

O ano é 130 DRD, e Luna está no seu segundo ano do ensino médio, para conseguir o seu diploma como maga junior, não que isso esteja sendo difícil para ela. Mas para ela, o rótulo não importava, o que queria era presenciar “a aula” como chamavam os do 3o ano. Uma rápida excursão para o mundo exterior, o qual Luna sempre quis ver. Um caminho considerado “seguro”, desbravado por aventureiros e estrategistas do passado.

E finalmente, o dia chegou, seu professor anunciou a data, explicou o trajeto, todos os “sim’s” e “não’s”. Um sorriso enorme marcava a cara de Luna por toda a apresentação, e sua perna balançava mais rápido do que ela mesmo sabia que era capaz de se mexer. Luna chegou animada em casa, e talvez pela primeira vez, não falou calma. Praticamente berrou: “MÃE, PAI, EU VOU SAIR PARA FORA DAS MONTANHAS”.

Sua mãe apenas a encarou confusa, e seu pai mantinha um semi-sorriso, enquanto olhava para Lyra, procurando saber como reagir.

“O que há de interessante? Você não usará magia durante toda a viagem, um desperdício de tempo, assim como na minha época” e voltou a analisar seu cajado recém feito. Magnus parecia querer falar algo, mas não ousou, deu um sorriso sincero à filha, e voltou a fazer sua rotina de exercícios físicos (Esses dos quais sua mãe também acreditava que isso era um desperdício de tempo, mas seu pai argumentava “Sem magia, o que há de mim senão uma biblioteca?” e isso parecia cessar os comentários).

Desapontada, decidiu almoçar na escola, para encontrar com Ana.

Já no refeitório, as duas sentaram sozinhas em uma mesa isolada, apesar dos olhares que acompanharam ambas durante o caminho até lá, cada uma por motivos diferentes. “QUE LEGAL AMIGA, VOCÊ TEM ESPERADO ISSO A ANOS!” exclamou “...Mas você não está preocupada?”.

Luna sobe o olhar “Porque estaria?”.

“Tem um rumor que a última turma viu demônios observando eles pelo caminho... não sei, só fico preocupada por você.”

“São só rumores, nada mais. Além de que...” Luna olha para o lado, com vergonha, mas ainda sim falando. “...Se algo acontecer, eu darei conta.”

“...Haja paciência”, retruca Ana rindo, começando a comer.

...Finalmente, o dia chegou, Luna arrumou suas coisas, pegou seu cajado, e se direcionou a escola. Saíram todos 2 horas após o almoço, por uma passagem apertada no limite da cidade, feito por um grupo oficial da realza, conhecido como “Os desbravadores” legitimamente, mas também chamado na cidade de “Os ratos” por se esgueirar pelas

paredes, procurando pelos caminhos mais escondidos da luz possível . Quase se espremendo entre as rochas, Luna andou por um longo período de tempo, e então...

A visão. O sol laranja se pondo na paisagem, nuvens brancas que se estendem infinitamente. Era simplesmente lindo. Um ar de calma, que era surpreendente, ou talvez fosse simplesmente o vento forte no rosto. Andavam em um pequeno caminho enquanto abraçavam a montanha atrás deles, para não cair no desfiladeiro em sua frente, que levava para baixo das montanhas.

O professor, um homem já grisalho, explicou: “Após anos de mineração, encontraram essa plataforma. O caminho mais escondido de luz levou diretamente ao pôr do sol. Ao saber da notícia, o antigo Rei decretou o fim das escavações, e que a passagem fosse omitida. Porém, já era tarde demais, o povo pressionou o Rei até ele concordar em deixar a passagem aberta, para visitas agendadas, mas que ainda sim o grupo de escavação fosse desmantelado, e assim ficou. Lembro de vir aqui com a minha mãe enquanto o Rei não havia feito o decreto, como se fosse ontem.”

Um menino no fundo, sem levantar a mão, disse: “Professor, como nós nunca lemos isso no livro de história que o senhor nos mostrou?” Com um olhar sério, coçando a barba, ele retruca. “A história não é algo certo meu jovem. Tudo que há são ângulos dela. É claro que a nobreza não gostaria de manter essa mancha na sua. Um dia você entenderá isso.”

“...A escola não é financiada pela nobreza senhor professor?”

“ ... ”

“ ... ”

“...Uma palavra disso e pulverizo a casa de todos vocês.”

Todos caíram em gargalhada, até o professor, mesmo que em um tom mais nervoso. Ficaram mais um tempo apreciando a vista, até a noite chegar.

Durante o caminho de volta, Luna apenas sorria, olhou para trás até ver apenas rochas, e depois caminhou, enfeitiçada em seus pensamentos, pensando no mundo exterior. Ela sabia que um dia, ela tinha que explorá-lo. E mal sabia ela que esse dia estava próximo.

Enquanto o professor explicava as datas de desbravamento de cada caminho, enquanto ela estava perdida em seus pensamentos, ela viu. No canto do olho, uma horda de demônios com asas vermelhas caindo do céu. A primeira reação foi silêncio, e logo após, gritos. Incessantes gritos. Todos correram pelas suas vidas, apesar dos demônios mal se moverem, encarando um ponto fixo. E o ponto fixo estava os encarando de volta, com a certeza de que se alguém podia impedi-los de machucar a cidade, era ela.

Calma e posturada, Luna ergueu seu cajado e apontou para o maior deles, uma criatura de 2.14 metros de altura, com músculos pulsantes, pele vermelha e asas de mesma cor, descoloridas. Ela começa a brilhar em dourado, e dispara, quase como em um tiro ao alvo, uma lança de luz pela criatura, deixando um buraco circular pelo demônio. Mas este, não tombou, apenas grunhiu.

E então, finalmente, Luna percebeu, algo tão evidente que a fez tremer pela primeira vez, o medo correndo pelo corpo. Os demônios não estavam atrás de seus colegas, estes que já fugiram a muito tempo pelo caminho estreito, sem nem notar a falta da garota no momento, não, eles estavam ali por ela. Todos eles, quase em união, andam para frente, obrigando a garota a se aproximar mais e mais do desfiladeiro.

E por mais que ela gastasse sua mana e ferisse a grande criatura, com um, dois, três tiros, ela se recusava a cair. Enquanto isso, outros demônios, menores e mais rápidos, tentavam imobilizar ela. Estes, muito mais frágeis, sucumbiam em apenas uma lança de luz.



Mas eram muitos. E ela não foi forte o suficiente. O maior deles finalmente alcança Luna pelo caminho estreito, enquanto outros dois a seguraram pelos braços, e antes mesmo dela pensar em gritar por ajuda, em um só soco, nocauteia ela.

Luna acordou em um lugar diferente, um lugar fechado com chão de pedra, acorrentada a uma parede. E então ouviu a porta à sua frente ranger.

E pela segunda vez, Luna teve medo, mais ainda do que da primeira vez.

O Rei Demônio, em carne e osso, estava na sua frente. Uma criatura com 3.20 metros de altura, de 2 metros de largura, vermelho carmesim, pequenas asas nas costas, que obviamente não suportavam o seu peso, e uma barriga que brilhava em amarelo-alaranjado, quase como lava em gel. Da sua boca, uma voz ríspida fala:

“Olá, “Maga pura”. Você já deve ter reparado que não consegue falar. Não se preocupe, em algum momento o efeito do feitiço vai desvanecer. Vamos direto ao ponto, não é? A cerca de 2 anos atrás, eu finalmente encontrei vocês.”

“...o que?”

“Vermes. Escondidos como ratos no esgoto naquele forte gelado. Até onde meus pesquisadores acham, vocês são a última civilização humana viva. E eles procuraram por toda parte HAHAAHA-” Gargalhando, e então corrigindo sua postura rapidamente.

“Vamos direto ao ponto. Eu devo dar crédito a vocês. Um lugar tão alto e frio foi o que nos impediu de encontrá-los até agora, porque, sabe, a lava HAHAAHA” diz ele apontando para a barriga, repetindo o processo, rindo, e voltando a um tom sério.

“Infelizmente para vocês, a hubris humana sempre vai ser sua maior fraqueza, um de vocês decidiu sair de seus portões, e foi raptado por meus lacaios. Em troca da vida dele, ele vendeu a de vocês. “ disse ele usando seus dedos como uma “encenação”.

“Mas como?” Luna se questionava em sua cabeça, prestando atenção em todos os detalhes. “A barreira mágica também serve como uma barreira física, ela teria que ser abaixada para isso acontecer...”

“Obviamente, fizemos aquilo falar tudo que sabia sobre vocês, seus líderes, seu conhecimento, suas magias... o verme mencionou a barreira mágica na cidade, realmente impressionante, devo dizer. Enfim, você tinha que ver o rosto dele quando nós o “libertamos”, no momento que ele virou as costas gravamos uma espada bem no peito dele HAHAAHAHAHA-” Mais uma vez, rindo, porém ininterruptamente. Até uma tosse repentina cortar o som, como se ele tivesse dito algo que não deveria.

“Perdoe minha compostura, espero que isso afete nossa relação, afinal... você é a nossa chave mais fácil para aquela cidade, afinal das contas.”

“...?”

“Nós investigamos vocês. Muitos morreram devido ao frio, mas valeu a pena.” Disse em um tom mais sério. “Aprendemos sua hierarquia social, e você, maga pura, era a isca mais fácil de raptar que tem influência sobre o povo. Pais poderosos, potencial mágico descomunal, mesmo que não tenha sido párea para meu carrasco, você o feriu gravemente. Reconheço sua força, e eles também.”

“Nós a faremos re-entrar pelo portão, aparentemente sozinha. “A menina prodígio que sobreviveu aos demônios”, haverá controvérsias sobre a queda da barreira mágica, mas você é importante o suficiente politicamente para eles cederem. E então, atacaremos.”

“E antes que você questione, do porque você nos ajudaria? Simples. Não conseguimos entrar com um exército pelo portão... mas aquela passagem estreita onde lhe raptamos, é outra história. Apenas demônios de porte menor conseguiriam passar por ali, então não é uma opção viável para invadir a cidade. Mas é abertura o suficiente para

assassinos especializados matarem pessoas desprevenidas... sua mãe, seu pai.“ Ele faz uma pausa. “Sua amiga”

E como destino do universo, a voz de Luna voltou ao normal para o apreço do Demônio. “NÃO”.

“Então você já entendeu o que deve ser feito. Faça o que pedir e pouparemos sua família e sua amiga, vocês trabalharam para nós até o fim de suas vidas, mas viverão. E quando chegar a hora, tentarei poupar-lhes de uma morte dolorosa. O que você acha, maga? Temos um trato?”

“...Sim...” Disse com a cabeça baixa. Mas Luna sabia que havia outra maneira, ela só precisava jogar suas cartas direito.

“Ótimo, eu já tinha um plano B para caso você dissesse não, mas vocês humanos são tão emocionais...HAHAHAHA”

Se passaram 9 dias desde de sua raptação, o Rei Demônio havia disponibilizado terras já desmatadas com uma casa velha e um quintal grande para Luna, concedendo moradia e plantio, para garantir sua segurança como objeto de troca e para criar o próprio alimento, já que a dieta de sopa de ossos e cérebro moído não a agradava. Havia orbs vermelhos no ar, espalhados, como olhos, atuando como câmeras, por todos os lugares, para garantir que ela não tentasse escapar. Mas Luna não iria desistir tão fácil assim.

Por baixo de seu manto branco, já acinzentado e marrom de sujeira, havia consigo um pequeno cajado, escondido no relevo entre o capuz e o manto. Só lhe faltara a oportunidade.

E finalmente, ela havia aparecido. Um festival do pecado da Gula com a presença ilustre do Rei. “Com humanos vivos” diziam os anúncios. Apenas restaram os quatro guardas que a mantinham presa, devido a seu bom comportamento até agora, não mostrando nenhum sinal de resistência.

E com o som de gritos na distância começando, ela atacou.

Retirando rapidamente um pequeno cajado do seu capuz, do tamanho de um garfo padrão, conjurando fios de luz que, por serem finos, permitiam grande extensão, alcançou os quatro guardas, que formavam um círculo em torno do perímetro dela. E em um só segundos, enrolou os fios em volta do corpo deles e puxou-os, o fazendo cortar os guardas em pedaços.

Antes que o Rei Demônio deixasse de se distrair com comida para checar suas “câmeras”, Luna escapou da visão dos orbs, e questionou se deveria lutar contra o Rei Demônio e acabar com isso de uma vez por todas. Mas optou por partir para o mais longe possível da cidade Demoníaca, apesar de acreditar fielmente que poderia derrotá-lo, um sentimento interno após sua derrota com o carrasco lhe disse que perder, seria arriscar a vida de todos que ama, e ela era mais inteligente do que isso.

Agora, cabe a Luna encontrar o caminho de volta para casa e salvar Elowen, o último resquício da humanidade, enquanto o Rei Demônio a caça e coloca em prática o seu “plano B”. Ela vai se fortalecendo pelo caminho e explorando o mundo exterior que tanto almejava, enfrentando desafios no caminho. Luna, a “maga pura” finalmente irá acabar com essa guerra secular, de um jeito ou de outro.

**Desejo:** Derrotar o Rei Demônio e trazer paz para a humanidade, salvando Elowen, seus amigos e sua família.

**Medo:** Luna previamente não tinha medos, mas após seu encontro com “O carrasco”, ela tem medo de não ser forte o suficiente para proteger sua cidade e quem ama.

**Defeito:** Confiante demais em suas habilidades, mesmo após os eventos antes da sua fuga, acredita que apenas “O carrasco” e o Rei Demônio podem ser uma ameaça.

**Motivação:** Impedir que a humanidade cesse de existir, salvar sua família e amigos.

## Atividade 4.

**Cenário 1:** “Uma sociedade distópica constituída de Robôs, onde após criar um mundo perfeito, a única emoção significativa que sentiam era a morte, criando assim uma indústria de entretenimento baseada em lutas de ringue mortais.

**Cenário 2:** “Uma sociedade de cogumelos, separados em vermelhos e marrons, habitam uma geladeira abandonada em uma sala antiga de hidroelétrica já automatizada. O ambiente é escuro e frio, mas entre grandes espaços de nada, há grandes cidades que vieram com rótulos pré-fungos como: “Sanduíche de atum”, “Marmita do Carlos: Não toquem” e “O mar preto”, conhecido como “Coca-cola”.

**Cenário 3:** “Em um mundo onde cada indivíduo nasce sendo capaz de manipular um determinado elemento fundamental (Água, Terra, Fogo e Ar), um detetive esquentadinho e sua parceira cabeça de vento investigam misteriosos casos de supostos bebês que nasceram controlando todos os elementos, enquanto um agente do governo pé no chão e seu parceiro que segue a correnteza tentam impedi-los de descobrir a verdade.

## Atividade 5.

1. [A Sala de Descarte](#) (Página 3)
2. [O Coração de Elowen](#) (Página 6)